



EDITORIAL

No período de 8 a 11 de julho de 2024, na PUCPR, em Curitiba, sediou-se o *IV Congresso Internacional de Fenomenologia e Psicologia* (IV CIFP) e *VI Congresso Brasileiro de Psicologia e Fenomenologia* (VI CBPF), em formato integralmente presencial, com o tema “Fenomenologia, Humanidades e Ciências”. O evento, promovido pelo Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade da UFPR (LabFeno) e pela Associação de Pesquisas em Fenomenologia (APFeno) em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR, com o Curso de Psicologia da PUCPR, além do GT de Fenomenologia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) e do GT de Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) já é, de maneira consolidada, um marco nacional e internacional. Seu maior objetivo consiste em debater as contribuições teóricas e metodológicas que a Fenomenologia traz para discussões da atualidade, no contexto histórico e social em que estamos mergulhados, e para a construção das ciências regionais que, através do resgate da construção do humano, na constituição de suas relações intersubjetivas, nos permite revisitar o sentido da ideia de Humanidade.

Ademais, agregado a esse espírito maior que sempre tem caracterizado tal Congresso, teve também lugar o **I Encontro Merleau-Ponty em Perspectiva: “Entre o Visível e o Invisível: Comportamento, Corpo e Carne”** no cenário comemorativo da referida obra do fenomenólogo francês que, em 2024, completara 60 anos de publicação.

Ora, nesse sentido, é com imensa alegria e satisfação que compartilhamos com o nosso público leitor da PHS o presente Dossiê Especial que traz, em boa parte, os textos apresentados naquele Encontro. São trabalhos que reúnem especialistas de diferentes instituições nacionais e internacionais que se acercam, em especial, da obra reportada sob diferentes perspectivas. Para tanto, nesse número, acompanhem, em linhas gerais, o movimento reflexivo de cada artigo.

O primeiro artigo intitula-se “O estatuto da metáfora em Merleau-Ponty” de autoria de Cristiano Perius. O autor chama a atenção que no capítulo “Interrogação e Intuição” de *O Visível e o Invisível*, Merleau-Ponty reconhece na linguagem um paradoxo *sui generis*: de uma parte, proíbe a coincidência, a simpatia absoluta com os objetos, uma vez que se esta linguagem fosse possível, seria muda, isto é, reduzida ao silêncio; de outra, se é verdade que não há linguagem pura, adâmica, diamantina, é fato que poetas e escritores descobrem, por meio das metáforas, uma linguagem apta a falar do mundo. Sob esse prisma, há, no interior da própria linguagem, um papel reservado para a metáfora que opera o sentido irônico. Já nas *Notas sobre o curso A Origem da Geometria de Husserl*, Perius mostra que Merleau-Ponty insiste sobre o conceito de “diferença” ou “desvio de nível” (*écart*) a fim de melhor articular a fenomenologia da expressão e a ontologia do sensível. A linguagem então se compreende via o uso de metáforas operantes, isto é, a partir do desvio de nível entre a fala falada e a fala falante. É, pois, fazendo um breve balanço desses dois registros textuais, que a conclusão do artigo discute a relação entre a metáfora e a linguagem indireta.

O segundo artigo intitulado “Hacia una fenomenología literaria: Merleau-Ponty y la filosofía de lo sensible como literatura” é assinado por Martin Buceta. O pesquisador argentino indica que há uma linha central do pensamento de nosso fenomenólogo que começa a se desenvolver incipientemente a partir do final da década de 1940, ganhando força e se fortalecendo durante a década de 1950 a ponto de se tornar – daquele momento até sua morte em 1961 – o problema fundamental de sua filosofia. Trata-se, nesse percurso, de explorar a linguagem, a literatura e sua capacidade de expressar o mundo sensível. Assim, p. ex., é que *O Visível e o Invisível* que encerraria uma teoria da verdade fundada numa nova ontologia. Merleau-Ponty aí se inspira na fórmula husserliana quanto à possibilidade de levar a experiência silenciosa à expressão muda de seu próprio sentido por meio do uso literário da linguagem. O artigo termina, ao reconstituir tal itinerário, a estabelecer as bases para uma fenomenologia literária.

O terceiro trabalho é “Diferença e individuação em Merleau-Ponty” de André Dias. O artigo trata da ampla relação entre percepção e linguagem na obra do filósofo, a partir de uma chave de leitura: a distinção entre animalidade e humanidade. Para tanto, Dias parte da descrição que Merleau-Ponty realiza das formas (*Gestalten*) perceptivas e verbais para pensá-las como produtos de processos internos de diferenciação. Assim,



no primeiro nível perceptivo, a diferenciação baseia-se em valências distintivas dentro do campo (em *hyleen* ou dados sensoriais que funcionam de modo diacrítico), sem a necessidade de estabilização de uma referência única. Este nível se estende à totalidade dos sinais e códigos animais. Já no segundo nível linguístico, a diferenciação opera em equivalências estruturais (já com signos diacríticos), progredindo em direção à referência propriamente dita ou, em linguagem fenomenológica, à “coisa mesma”. O autor do artigo avista, no limite, tanto a unidade quanto e diversidade entre seres a partir destes processos, trazendo à tona a especificidade do ente humano como um “animal referencial”, sem, contudo, cortar sua profunda conexão com a totalidade dos entes no âmbito de uma filosofia da carne.

Já o quarto artigo tem como título “Vibrando o contorno das coisas: visão e criação em Merleau-Ponty”. O seu autor, Amauri Carboni Bitencourt, filósofo e artista plástico, retrata, sobremaneira, os temas da visão e da criação artística na obra de Merleau-Ponty. Para este, observa Bitencourt, há na experiência da visão algo de extraordinário: a percepção não é um ato unilateral, pois à medida que percebemos uma paisagem, essa também nos olha. Reconhecemos, então, que há uma reversibilidade da visão. Assim, ao mesmo tempo em que vê as coisas o vidente percebe que é olhado por elas. Ora, essa ação ambígua do olhar – ver e ser visto – é vivenciada como criação pelo artista. Num raio de abrangência mais amplo, não se reconhece aí apenas uma experiência do pintor, mas também do poeta, do escritor, do músico, do escultor; enfim, de cada percepção nova, original, fazendo vibrar o contorno das coisas. Bitencourt revisita então tanto os escritos de Merleau-Ponty, sobretudo, *O Visível e o Invisível* quanto relatos de alguns artistas a fim de concluir que a experiência criativa permite-nos perceber a reversibilidade do olhar; olhar esse que se revela como paradoxal, enigmático e que não cessa de interrogar a nossa condição de ser no mundo.

Nilo Ribeiro Junior nos convida, no quinto artigo, “Corpo e linguagem na fenomenologia de Merleau-Ponty” a refletir sobre ambos os temas sob o ângulo de uma fenomenologia e ontologia encarnadas. Para tanto, a categoria de expressão assume um divisor de águas no horizonte do pensamento do filósofo. Ela põe em xeque a pretensão de se associar corpo e linguagem à ideia de mera representação. Após apresentar os termos fundamentais que constelam em torno da categoria de corpo-próprio indissociável de uma autêntica existência carnal de sujeitos falantes, tratar-se-á de evidenciar a maneira como Merleau-Ponty diagnostica os limites da linguagem comum em prol do ineditismo do caráter diacrítico da linguagem que, doravante, lhe permite vincular a linguagem indireta à linguagem literária e estas à nova forma de fazer filosofia na contemporaneidade.

No sexto texto, “Sentir o invisível: em torno da presentificação da Vida”, Josiana Hadlich busca aprofundar a temática da invisibilidade e da afetividade via um diálogo entre Merleau-Ponty e Michel Henry. Trata-se, nesse momento, de compreender como a noção henryana de Vida permite ser pensada à luz de uma releitura do tema merleau-pontyano do quiasma entre o visível e o invisível. Hadlich então se debruça sobre o trabalho de questionar um invisível que possa ser compreendido como impulso afetivo; impulso esse que se manifesta rente à passividade da consciência. A autora do texto sugere uma alternativa que não ponha em risco a relação originária com o mundo e nem que perca a apreensão concreta do sujeito, a fim de instaurar um movimento dialético entre imanência e transcendência. É, pois, esse impulso advindo do invisível que nos afeta, que, enfim, doa sentido à própria Vida.

No sétimo artigo, Franciane Indianara Nolasco e Joanneliese de Lucas Freitas propõem o texto intitulado “Uma leitura decolonial do *Visível e o Invisível*: diálogos sobre o encobrimento”. As autoras põem em diálogo, a obra em tela de Merleau-Ponty com o pensamento decolonial, visando uma forma de se pensar as condições de possibilidade das existências reconhecidas como periféricas à modernidade europeia. Esse texto, escrito a quatro mãos, sugere, pois, pensar junto à fenomenologia e não a partir dela, para que se possa desconstruir compreensões já naturalizadas e visibilizar existências que, apesar de frequentemente não aparecerem como fenômenos para nós, constituem o nosso mundo da vida. Para tanto, são cotejados o trabalho de Merleau-Ponty e, em especial, de Dussel, de modo a permitir tessituras e reflexões sobre as possíveis aproximações e distanciamentos entre o gesto merleau-pontyano de visibilização do sensível e do negativo bem como o gesto de denúncia do encobrimento do outro em Dussel.

A oitava aparição, “De la inalienabilidad de los otros a las recaídas egológicas en Merleau-Ponty” é assinado pelo filósofo e psicólogo Marcos José Müller. Este põe, em relevo, à luz das leituras críticas feitas pela psicanálise lacaniana, a maneira como Merleau-Ponty descreve a apresentação da alteridade mediante a experiência perceptiva e o diálogo. A questão que se coloca às reflexões do fenomenólogo francês está relacionada à suspeita lacaniana de que, apesar de reconhecer a inalienabilidade de outrem, Merleau-Ponty permanece preso à crença de que pode haver uma espécie de coincidência entre a alteridade e o sujeito que a percebe ou a interpela. Ora, esta seria uma estratégia para obscurecer o fato de que, em sua descrição da carnalidade da experiência perceptiva e dialógica, o autor de *O Visível e o Invisível* prossegue se guiando pela ideia da primazia de um vidente, o que reencena um tipo de subjetivismo que nem mesmo a psicanálise perdoou.

O nono texto intitula-se: “Merleau-Ponty e a interdependência entre o sensível e a natureza: um diagnóstico acerca da sua última ontologia”. Nele, Eloísa Benvenuti de Andrade indica que, nos escritos póstumos que formam *O Visível e o Invisível*, Merleau-Ponty é contundente quanto à problemática da concepção do ser-sujeito, afirmando que, assim como a concepção do ser-objeto, ela não constitui alternativa, pois o mundo percebido está aquém ou além da antinomia. Daí resulta, por parte do pensador francês, a emergência de



uma revisão da ontologia. Essa revisão implica uma desconstrução acerca da análise do mundo sensível e do mundo natural cujo propósito consiste em explicitar, sobretudo, como ela perspectiva a reabilitação da ideia de sensível e de natureza por meio da descrição da carne. A autora termina o texto avaliando as consequências da fundação da ontologia do ser bruto à luz dos comentadores, suas dificuldades, sua abrangência e estrutura e, conseqüentemente, a importância da sua elaboração para a filosofia e para a fenomenologia contemporânea como abertura para o mundo.

O décimo artigo tem por título “A disparidade da experiência e o paradoxo da subjetividade encarnada” sob as mãos de Erik Lind. O autor examina que, no primeiro capítulo da *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty descreve o corpo vivo do sujeito percipiente como percebido. Esta questão tem em vista as estruturas da percepção no capítulo introdutório. Entre estas estruturas, a distinção figura-fundo é, sem dúvida, a mais importante. Segundo tal distinção, os corpos e objetos percebidos ganham unidade e estabilidade apenas contra um pano de fundo de outros corpos e superfícies. Merleau-Ponty, contudo, levanta, de forma crucial, a questão de como esta distinção se aplica à unidade percebida do corpo próprio, sugerindo que o corpo vivo deve ser considerado como o “terceiro termo” desta distinção. O filósofo considera o corpo como uma *Gestalt* única, não somente como um todo irreduzível à soma das suas partes, mas como uma unidade existencial definida pela sua espacialidade situacional, isto é, pelo “esquema corporal”. Este esquema distingue a unidade do corpo, fornecendo um enquadramento para a autorreflexão e reversibilidade em ações como tocar ou ver o corpo próprio. Via esta perspectiva, pode-se, enfim, argumentar que, diversamente de Husserl, Merleau-Ponty estabelece as bases para compreender o esquema corporal como um precursor conceptual do seu conceito posterior de “carne”.

Décimo primeiro manuscrito, “O real entre quiasma carnal e precessão temporal”, de autoria de Renato Santos, aborda a questão do tempo mítico empregado por Merleau-Ponty em seus últimos textos. Santos propõe pensar este conceito sob o viés da noção de real, tal qual formulado por Lacan por meio da psicanálise. A noção de tempo mítico irá permitir Merleau-Ponty vislumbrar um novo horizonte de sentido para a questão da experiência da alteridade e da identidade, desde uma dimensão do quiasma e da precessão, carnalidade e temporalidade, conceitos caros formulados, principalmente, no texto inacabado de *Le Visible et l'Invisible*.

O décimo segundo artigo, “O sentido crítico-ético da fenomenologia da percepção e da atenção”, de autoria de Danilo Saretta Verissimo, dedica-se, no contexto da *Fenomenologia da Percepção*, ao tema da atenção sob o prisma dos seus desdobramentos crítico-éticos. Verissimo então nota que o sentido crítico-ético da fenomenologia da percepção envolve o retorno do olhar, da atenção, aos aspectos generativos da percepção. Isso permite, inclusive, a distinção de modos sociais cristalizados que se constituem como hábitos de percepção e de ação. No âmbito descritivo-eidético, e com base, principalmente, na obra de Merleau-Ponty, tais pesquisas configuram uma incidência do olhar capaz de tratar as coisas em função da sua latência, das suas relações de sentido com o horizonte de experiência, que, em rigor, não admite circunscrições rígidas. No campo sócio-histórico e cultural da percepção e da atenção, sobressaem, por meio da fenomenologia, questões referentes à partilha da atenção. Constata-se um *continuum* capaz de abrigar formas responsáveis e formas opressivas de preocupação com a atenção de outrem. No plano macrossocial, distinguem-se diversos agenciamentos técnicos, de enunciação e de práticas histórico-sociais que configuram possibilidades concretas de percepção. Por fim, o autor toma corpo na discussão de elementos relativos ao racismo e do que se pode caracterizar de regime escópico de mira.

Décimo terceiro artigo, “Neuroarquitetura e fenomenologia: *O Visível e o Invisível* na experiência sensorial do ambiente construído” é assinado por Lorí Correa Crizel. Ele investiga a intersecção entre neuroarquitetura e fenomenologia, centrando-se na obra de Merleau-Ponty, especialmente em *Le Visible et l'Invisible*. A neuroarquitetura, que une neurociência e arquitetura, examina como o ambiente construído afeta o cérebro e o comportamento humano. Nesse sentido, a fenomenologia de Merleau-Ponty, com o enfoque na intercorporeidade e na percepção encarnada, oferece uma considerável base teórica para compreender as interações entre corpo, espaço e experiência sensorial. O artigo discute como o corpo molda a percepção espacial e como a experiência estética no espaço construído transcende a mera visualidade, envolvendo uma profunda interação sensório-emocional com o ambiente. Ora, isso se reflete, sobremaneira, na prática da neuroarquitetura à medida que essa considera o espaço como uma extensão do ser humano. Em suma, o texto aposta na ideia de uma arquitetura mais sensível, que não só atende às necessidades funcionais, mas também eleva a qualidade de vida, promovendo a conexão humana como experiência de estar no mundo.

Wanderley Cardoso de Oliveira é quem assina o penúltimo artigo intitulado “Desenho infantil e pintura: entrelaçamentos a partir de Maurice Merleau-Ponty”. Oliveira busca relacionar o desenho infantil com questões atinentes à pintura, tratadas pela história da arte e, particularmente, pela fenomenologia. Ele então parte da crítica à má reputação da imagem, que remonta a Platão e se prolonga na modernidade. Ao avançar no tempo, vê-se que a ideia da pintura como representação se torna hegemônica no Ocidente a partir da invenção, na Renascença, da perspectiva geométrica. Ora, para além desse esquema, cumpre, pois, ensaiar um modo de expressão da experiência do mundo inteiramente liberada das coerções que o modelo clássico perspectivo impõe ao desenho e à pintura. Trata-se, desde essa experiência, de se acercar de uma maneira de ver que não imita, mas expressa as coisas. O desenho infantil pode, sob tal aspecto, ser situado não mais na ordem da imitação, mas da expressão, não mais na ordem da representação, mas da apresentação. Ao passarmos da



representação para a apresentação, abandonamos, enfim, tanto na pintura quanto no desenho infantil, o tema da imitação, da secundariedade, da cópia de um modelo, do “vir-depois” ao permitir visar o desenho infantil como um modo genuíno e criativo pelo qual a criança expressa o próprio mundo em que vive.

O dossier encerra com um escrito pelo pesquisador norte-americano Duane Davis, texto esse intitulado “The Visible and the Invisible: genesis and structure”. Davis traça um balanço acerca do escopo geral de *Le Visible et l’Invisible*, ou seja, demarca, nessa obra póstuma, editada sob os cuidados de Claude Lefort em 1964, o envolvimento de Merleau-Ponty em um novo projeto, lamentavelmente interrompido em função de sua morte prematura em 1961. Ora, o texto publicado é composto por alguns rascunhos de capítulos e várias páginas de notas de trabalho enigmáticas, dado o caráter fragmentário peculiar dessa composição, uma vez que o seu autor não visava, a princípio, uma publicação. Apesar do seu estatuto incompleto, tal livro é frequentemente anunciado como o ponto culminante de sua obra. Alguns veem tal material como a conquista triunfante do seu projeto fenomenológico ao longo da vida, enquanto outros continuam a vê-lo como a inauguração de um importante afastamento desse programa. Em vez de endossar qualquer interpretação particular, e, ainda, reconhecer o devido mérito quanto o papel que Lefort desempenhou nessa tarefa de ordenamento do texto, Davis, no entanto, com base em vários anos de pesquisa de arquivo com notas e manuscritos não publicados de Merleau-Ponty, sustenta que a apresentação dos trabalhos finais de Merleau-Ponty por Lefort é seletiva e tendenciosa.

O Dossier fecha com a secção de Tradução em que é disponibilizado ao público de língua portuguesa o texto “Corpo e Alma” de Carl Stumpf. Trata-se do Discurso de abertura do Congresso Internacional de Psicologia realizado em Munique em 4 de agosto de 1896. Originalmente, publicado em 1910, sob o título “*Leib und Seele*” em *Philosophische Reden und Vorträge*, Leipzig, Verlag von Johann Ambrosius Barth, o ensaio recebe de seu tradutor Flávio Vieira Curvello, todo um aparato crítico, acompanhado de notas de rodapé. A versão vernácula é também cotejada com a edição francesa de 1896, na *La Revue Scientifique*. Enfim, com esse propositivo ensaio clássico, retorna à cena tanto filosófica quanto psicológica, a figura insigne de Stumpf no âmbito de seus estudos experimentais que viria marcar, de maneira indelével, os trabalhos fenomenológicos que recobrem a primeira metade do século passado.

Com esse volume, a PHS brinda aos seus leitores um material inestimável em torno dos mais recentes estudos sobre Merleau-Ponty em rede de pesquisa nacional e internacional; figura essa emblemática no cenário da tradição fenomenológica. Ademais, ainda fornece ao leitor nacional, textos clássicos fundamentais para quem pretende adentrar nos labirintos do bom e saudável debate fenomenológico num raio de abrangência multidisciplinar.

Um salutar experimento de leitura!

Prof. Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva
(Editor do Dossier)